



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS**

Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas

Departamento de História

Larissa Ribeiro, Lucas Ferraz, Luísa Novaes, Pedro Riquetti e Túlio Leão

**PROPOSTA DIDÁTICA COM O USO DE IMAGENS SOBRE A DITADURA  
CHILENA**

Belo Horizonte

2024

## INTRODUÇÃO

O presente trabalho foi elaborado pelos graduandos do 7º período do curso de História da Universidade Federal de Minas Gerais, Larissa Ribeiro, Lucas Ferraz, Luísa Novaes, Pedro Riquetti e Túlio Leão, referente à disciplina de Laboratório de Ensino I, ministrada pela professora Anna Flávia Arruda Lanna. Foi realizado um conjunto de Propostas Didáticas com a finalidade de sugerir, inspirar, guiar e impulsionar os docentes a tratarem sobre o tema da ditadura no Chile em sala de aula na educação básica, sobretudo com o 9º ano do Ensino Fundamental, adaptando-o de acordo com a realidade de sua turma.

Nesse sentido, o trabalho com a análise de fontes históricas, como imagens, discursos, revistas e jornais, quando realizado da maneira correta, mediada e guiada pelo professor, além de ser uma forma criativa e diferente de construir um dinamismo durante a aula, ele também aproxima o aluno do conteúdo teórico, por meio da interpretação de texto, do exercício de pensar, criticar e analisar o objeto, de modo a transportar o educando para o cenário histórico abordado (FABRICIO, *et Al.*, 2014) Esse movimento de aproximação agrega muito à aprendizagem do discente, pois facilita a compreensão dos conceitos históricos e das relações temporais, corroborando o desenvolvimento do pensamento histórico e, conseqüentemente, crítico. Assim, a partir de uma abrangência mais dinamizada, é aumentada, também, a adesão dos alunos às aulas de História.

## OBJETIVOS

- Desenvolver habilidades de análise de imagens e fontes históricas.
- Compreender o contexto histórico que levou à ditadura de Augusto Pinochet no Chile (1973-1990).
- Refletir sobre as violações de direitos humanos e os impactos sociais, políticos e culturais do regime.
- Habilidade a ser desenvolvida prevista na BNCC:
  - EF09HI29: Descrever e analisar as experiências ditatoriais na América Latina, seus procedimentos e vínculos com o poder, em nível nacional e internacional, e a atuação de movimentos de contestação às ditaduras.

## CONTEÚDO

Diante do cenário de Guerra Fria, e tendo em vista as revoltas na América Latina, as quais exigiam mudanças econômicas, sociais e políticas radicais, os Estados Unidos se viram em uma posição de impedir a ascensão comunista nesses países, evitando que a região

seguisse o exemplo da Revolução Cubana. Iniciou-se, desse modo, o apoio a alguns ditadores, considerados “moderados”, como Médici, no Brasil, Augusto Pinochet, no Chile, e Rafael Videla, na Argentina. (JOFFILY, 2018) Nesse sentido, os Estados Unidos, a fim de evitar a vitória de Salvador Allende, no Chile, declarado político socialista, determinou o embargo econômico, com o intuito de criar uma ingovernabilidade no país. Sem sucesso nesta primeira tentativa, iniciaram-se as articulações para o golpe militar, financiado pela grande potência norte-americana, que apoiava o político e militar Augusto Pinochet.

Nessa perspectiva, diversas greves anti-allendistas foram patrocinadas e incitadas pela Agência Central de Inteligência (CIA), como a greve dos proprietários de caminhões e dos sindicalistas dos setores de transporte, que dependiam financeiramente da exportação de produtos chilenos. Essas greves causaram agitação em todas as classes média e alta chilenas, e a Patria y Libertad, grupo nacionalista de caráter nazi-fascista da extrema direita, recebendo secretamente auxílio da CIA, promoveu rebeliões e disseminou na imprensa alertas e notícias referentes à necessidade do golpe. Como consequência, os setores de esquerda mais radicais também foram às ruas lutar contra esses apoiadores, gerando uma instabilidade política muito grande no governo de Allende, o qual, certo de agir mediante as vias institucionais, não possuía aparatos suficientes para conter as revoltas, culminando na efetivação, em 11 de setembro de 1973, do golpe militar, por meio do bombardeio ao Palácio de la Moneda, que colocou Pinochet no poder durante longos dezessete anos (BANDEIRA, 2008).

Os princípios do neoliberalismo foram o eixo, junto com a sociedade, que sustentou o regime de Pinochet. O intuito da ditadura não era de cunho político, mas sim ideológico, modificando o modo de pensar social; portanto, defendia-se que a liberdade individual e o consumo deveriam derrotar a lógica coletivista do marxismo que predominava até aquele momento (ZARATE, 2010). Pinochet empregou o conceito “democracia protegida”, que pensava a democracia como autoritária e como um meio para atingir o objetivo central, o progresso econômico e a derrota do comunismo. Este conceito também possuía um caráter doutrinário, caracterizado pelo conservadorismo e pelo neoliberalismo, além de atender aos interesses “nacionais”, que contemplavam apenas uma parcela da população, os apoiadores do governo, as autoridades da Corte Suprema e as Forças Armadas. Essas, por sua vez, recebiam a função de “políticos da segurança” e possuíam grande influência na política governamental, pois eram tidas como exemplos no que concerne aos valores morais e ao patriotismo.

O que sucedeu o golpe militar foi uma onda repressiva sem precedentes, encaminhando “subversivos” ao estádio nacional. É indubitável a violência propagada e

apoiada por Pinochet, em conjunto com a cooperação internacional entre regimes militares do Cone Sul (Operação Condor). As “Políticas de Contenção”, colocadas em prática pela Dirección de Inteligencia Nacional (DINA), polícia secreta criada por Pinochet, foram pautadas no sequestro, na tortura, nas prisões políticas e nos assassinatos de diversos indivíduos que compunham a oposição ao governo ditatorial, como os do MIR, Movimento da Esquerda Revolucionária.

Nesse contexto, destaca-se a Caravana de la Muerte como um exemplo emblemático da brutalidade do regime e da utilização do desaparecimento como estratégia de terror no Chile. Muitos dos executados foram apresentados como "mortos em combate" ou acusados de serem inimigos perigosos, legitimando essas violências sob o discurso oficial de "guerra interna" contra o marxismo. (BAUER, 2011). Houve também a proibição e a perseguição às Brigadas Murais, momento em que obras foram destruídas e os artistas foram censurados ou reprimidos. No entanto, os murais clandestinos continuaram como forma de resistência, denunciando violações aos direitos humanos e mantendo viva a memória histórica (DALMÁS, 2007) Além disso, como parte do sistema repressivo, as violências se estenderam a mulheres grávidas foram detidas e torturadas, e em muitos casos deram à luz nas prisões. As crianças nascidas nesse cenário, posteriormente, foram vítimas de sequestro e de troca de identidade; outras foram adotadas por famílias ligadas ao regime. (BARRETO; OLIVEIRA, 2019).

Diante disso, a ditadura no Chile foi uma das mais violentas da América Latina e as verdades expostas pelas vítimas do governo de Pinochet no período de redemocratização denunciam o banho de sangue e a tortura de quase 30 mil chilenos, evidenciando os traumas que marcam e compõem a memória dessa população mesmo 50 anos depois. Logo após o fim do período ditatorial, foram formadas duas Comissões Nacionais da Verdade, a primeira implantada nos anos de 1990 e 1991, e a segunda em 2004 e 2005, e que foi novamente reaberta e concluída em 2011. Os resultados apontam para cerca de 40 mil o número total de vítimas do regime durante os 17 anos, entre 1973 e 1990. Dados de 2016 demonstram que, até então, já foram abertos processos criminais contra mais de 1 mil ex-agentes da ditadura, com mais de 600 processados, e 300 sob sentença. Desses, cerca de 126 cumprem pena em regime fechado (CARVALHO; GUIMARÃES; GUERRA, 2016).

Estudar esse período ajuda os estudantes a compreender como os regimes autoritários operam e as consequências devastadoras para a sociedade. Além disso, ensinar sobre a ditadura contribui para manter viva a memória das vítimas, passo fundamental no processo de

justiça e reparação histórica, diante de um cenário de crescimento da extrema-direita na política dos países sulamericanos, a qual negligencia a repressão.

## IMAGENS PARA ANÁLISE EM SALA DE AULA

**FIGURA 1**



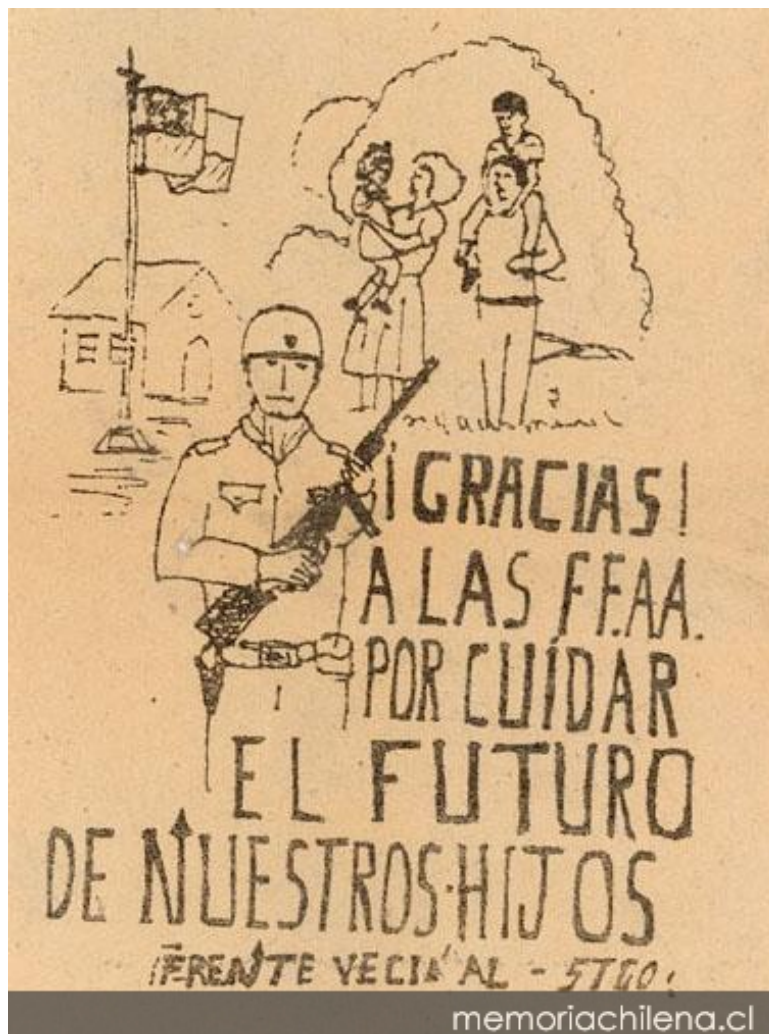
Fotografia referente aos túmulos dos executados durante o golpe militar de Pinochet em setembro de 1973.

Disponível em: Archivos Chile <http://archivoschile.org/>

FIGURA 2



Panflete convocatório referente ao primeiro plebiscito em 1988 que decidiu a interrupção de Pinochet no poder pelos próximos 8 anos. Disponível em: Memoria chilena (biblioteca nacional de Chile) <http://www.memoriachilena.gob.cl/602/w3-channel.html>

**FIGURA 3**

Panfleto com o intuito propagandístico da ditadura de Pinochet. Na imagem, uma família de civis realiza um agradecimento às Forças Armadas pelo cuidado e pela segurança para com o futuro de seus filhos. Disponível em: Memoria chilena (biblioteca nacional de Chile) <https://www.memoriachilena.gob.cl/602/w3-article-77785.html>

**FIGURA 4**

Centro de memória no Estádio Nacional do Chile, usado por Pinochet como centro de detenção e tortura para os cidadãos considerados “subversivos”. Disponível em: <https://comunicacaoesporte.com/2020/09/03/quando-as-arquibancadas-tambem-nao-serviam-ao-torcer-imagens-do-estadio-nacional-do-chile-em-1973/>



**FIGURA 5**



Queima de livros durante os primeiros dias da ditadura de Augusto Pinochet. Disponível em:  
[https://pt.wikipedia.org/wiki/Ditadura\\_militar\\_chilena#/media/Ficheiro:Quema\\_de\\_libros.jpg](https://pt.wikipedia.org/wiki/Ditadura_militar_chilena#/media/Ficheiro:Quema_de_libros.jpg)

**FIGURA 6**



A fotografia retrata a arte do movimento Brigadas Muralistas no Chile, em especial a de Ramona Parra. Esse movimento estava diretamente ligado à oposição da ditadura, representando a resistência artística diante da violação de direitos promovida pelo governo pinochetista. Disponível em: Memoria chilena (biblioteca nacional de Chile) <http://www.memoriachilena.gob.cl/602/w3-channel.html>

**FIGURA 7**

Memorial em homenagem aos 105 torturados e assassinados na ditadura chilena no Cemitério da cidade de La Serena. A autoria de Simon Díaz Cuffin. Disponível em: [https://commons.wikimedia.org/wiki/File:RecordatorioenCementeriodelaSerena\\_SDIAZ\\_1.jp](https://commons.wikimedia.org/wiki/File:RecordatorioenCementeriodelaSerena_SDIAZ_1.jp)

## PROPOSTA DIDÁTICA

### (Questões para serem debatidas em sala de aula a partir das imagens)

A análise das fontes, preferencialmente, deve ocorrer a partir das seguintes perguntas-base:

- Quais são os elementos presentes na imagem?
- Quais são os atores políticos representados, implícita ou explicitamente?
- Quais as possíveis interpretações do que está sendo retratado?
- Quem é o público alvo?
- Quais sentimentos e sensações são despertados através da imagem?

### Propostas didáticas:

- 1) Iniciar um debate a partir do vídeo “Londres 38”, que trata sobre o centro de tortura e extermínio, Cartel Yucatán, popularmente conhecido como Londres 38.

 Ep.1 Londres 38, relatado por Roberto Marquez| #AcáOcurrió

Após a reprodução do vídeo, sugere-se analisar as figuras 1, 4 e 7 e discutir com a turma os traumas que podem proceder de situações limites como a repressão e a tortura provenientes da ditadura, junto ao papel da preservação da memória como uma forma de justiça de transição e pensar, em conjunto, quais as consequências da ditadura para a sociedade chilena atualmente. Perguntar como eles se sentiram diante do que foi passado e quais foram as suas percepções.

**Avaliação:** Produção escrita relacionando, pelo menos, duas imagens das que foram propostas, com o vídeo “Londres 38” e as discussões em sala de aula.

- 2) Por intermédio da análise das imagens 6 e 7, propõe-se ao professor, explicar sobre o papel da arte urbana como ferramenta de expressão e resistência política nos cenários urbanos, estimulando, assim, o debate sobre o papel da arte urbana como meio de conscientização social, engajamento político e fortalecimento comunitário. Assim, os alunos, em grupos, criam um esboço de mural ou grafite que aborde um tema social ou político relevante para eles na atualidade. Nessa atividade, o professor deve orientar para que os desenhos possuam:

- Definição do tema e mensagem.

- Planejamento visual (cores, símbolos, frases).
- Criação do esboço em papel ou em plataformas digitais.

**Avaliação:** Cada grupo apresenta sua obra em sala de aula, utilizando o suporte que preferir (Power Point, Canva, cartazes, etc.). Deve-se explicar o motivo de sua escolha e como ela se relaciona com o tema da aula sobre as Brigadas Muralistas como um símbolo de resistência cultural na ditadura chilena.

**3)** Após a explicação expositiva do conteúdo, o docente deve apresentar as imagens para a turma e propor a divisão em grupos de acordo com o número de imagens escolhidas, à critério do professor. A partir disso, cada grupo analisa uma fonte com base nas perguntas base propostas no início da Proposta Didática:

- Quais são os elementos presentes na imagem?
- Caso houver, quais são os atores políticos representados?
- Quais as possíveis interpretações do que está sendo retratado?
- Quem é o público alvo?
- Quais sentimentos e sensações são despertados através da imagem?

Ao final da aula, os grupos compartilham suas análises, explicando como as imagens são importantes para compreender os eventos e a atmosfera do período.

**Avaliação:** Os alunos criam uma legenda ou um pequeno texto, de até 10 linhas, para cada imagem, explicando o que ela transmite e a sua relevância histórica.

## REFERÊNCIA

BANDEIRA, Luiz Alberto Moniz. Fórmula para o caos: a derrubada de Salvador Allende (1970-1973). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008, p. 357-384.

BARRETO, Anna Flávia Arruda Lanna; OLIVEIRA, Natália Silva Teixeira Rodrigues de. Histórias de violações dos direitos humanos na Era Pinochet: sequestros, desaparecimentos forçados e autoritarismo. *Estudos Ibero-Americanos*, Porto Alegre, v. 45, n. 1, p. 29-42, jan.-abr. 2019.

BAUER, Caroline Silveira. A prática do desaparecimento nas estratégias de implantação do terror. In. Ditaduras, desaparecimentos e políticas da memória. Porto Alegre: Medianiz, 2014, p. 35-83.

DALMÁS, C. As brigadas muralistas da experiência chilena: propaganda política e imaginário revolucionário. *História (São Paulo)*, v. 26, n. 2, p. 226–256, 2007.

FABRÍCIO, Arthur (et.Al.) . Fontes Escritas e Imagens em Sala de Aula de História: Reflexões no Âmbito da Formação Inicial de Professores. *Revista Educação e Linguagens*, v. 3, n. 5, p. 27-49, 2014.

JOFFILY, M. A política externa dos EUA, os golpes no Brasil, no Chile e na Argentina e os direitos humanos. *Topoi*, Rio de Janeiro, mar; 19(38), 2018, p. 58–80. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/topoi/a/MPKnBvVZMspJCSTL7xnWTKS/#> Acesso em: 15 nov. 2024.

ZARATE, Verónica Valdivia Ortíz de: “¡Estamos en Guerra, Señores!”. El Régimen Militar de Pinochet y el “Pueblo”, 1973-1980”. *Historia*, número 43, volumen 1, enero-junio 2010. Disponível em: <http://www.scielo.cl/pdf/historia/v43n1/art05.pdf>.